



VIOLÊNCIA DE GÊNERO: COM A PALAVRA OS TRANSGÊNEROS

Danieli Pagliari¹
Lizete Dieguez Piber²

RESUMO:

O artigo “Violência de gênero: com a palavra os transgêneros” têm como foco identificar a percepção dos transgêneros acerca da violência sofrida no contexto social, bem como os tipos de violência sofrida por eles e em qual modalidade de relacionamentos ela é mais comum. Ainda compreender as causas que eles atribuem para essa violência, descrever os sentimentos que são mobilizados quando sofrem a ação violenta e entender as estratégias que utilizam para reagir e enfrentar a violência. A pesquisa é qualitativa de caráter descritiva e exploratória, o delineamento utilizado foi estudo de caso múltiplo. Os sujeitos são 03 transgêneros, sem faixa etária determinada. Os dados foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas e individuais, e foram analisados a partir da análise de conteúdo. O gênero desempenha um papel fundamental na produção da violência. De modo geral, pode-se evidenciar a presença da violência simbólica como a mais presente, expressa nas formas de preconceito e falta de direitos para as pessoas trans. A sociedade enquadra as pessoas em padrões de normalidade, o que foge dessa norma é colocado a margem. Essas pessoas acabam ficando imóveis à violência que sofrem diariamente. O desafio é romper com a intolerância ao que difere e foge do padrão ditado pela maioria, para que todos os sujeitos, com suas diferenças, tenham direito de ser e pertencer ao mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Transgênero. Gênero. Violência. Causas. Sentimentos.

INTRODUÇÃO

Num mundo complexo, com tessituras múltiplas que constroem o homem e suas relações, no mundo chamado contemporâneo, não podemos mais pensar a partir do projeto da Modernidade, em que o mundo (e o humano) caminham de modo linear, contínuo e normativo.

A experiência humana é plural, os modos de ser e estar no mundo também o são. É tempo, pois, de entender nosso tempo, nossos modos de habitar e fazer-se/fazer no mundo. É tempo de pensar uma história não linear, de contextualizar os fenômenos, de conceber a subjetivação como processual, aberta e diversa.

Dentro dessa perspectiva, a temática Violência está sendo discutida em várias áreas do conhecimento e, como fenômeno psicossocial que é, acreditamos que a psicologia tem significativas contribuições a fazer.

Conforme Cabral (2013) a Organização Mundial da Saúde – OMS (2002) conceitua violência como sendo qualquer força física ou poder simbólico, contra si mesmo ou contra um grupo que resulte, ou tenha alta probabilidade de lesão, morte, dano psicológico ou privação.

A violência de gênero se caracteriza por atingir grupos vulneráveis na sociedade contemporânea, tais como mulheres, travestis, gays, lésbicas, transexuais e transgêneros, o grupo que se constitui sob a denominação de transgêneros tem ficado de lado pelo preconceito, colocada à margem, tanto no campo da ciência, como pela própria sociedade. Os transgêneros são um grupo de total vulnerabilidade, no caso das travestis, a desestabilização provocada por sua performance de gênero, associada a um conjunto de estereótipos negativos sobre a homossexualidade em geral, torna as travestis as vítimas preferidas da violência (CARRARA e VIANNA 2006).

A pesquisa teve como objetivo geral investigar as percepções que os transgêneros têm sobre a violência que sofrem no seu cotidiano. Já como objetivos específicos, buscou-se identificar os tipos de violência sofrida pelos transgêneros e em qual modalidade de relacionamentos ela é mais comum, compreender as causas que eles atribuem para essa violência, descrever os sentimentos que são mobilizados quando sofrem a ação violenta e entender as estratégias que utilizam para reagir e enfrentar a violência.

A questão norteadora do trabalho de investigação foi: Qual a percepção dos transgêneros com relação a violência sofrida por eles?

Ainda, a importância desta pesquisa reside na oferta de um espaço discursivo pela ciência para esses sujeitos, também no tratamento desses discursos, significando-os, respeitando a singularidade e subjetividade, compreendendo-os como protagonistas dentro da tessitura social.

Acredita-se que aprofundar a discussão desse tema é de suma relevância na construção de uma sociedade efetivamente igualitária e diversa.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, aprofunda nas relações, nos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994).

As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2002) visam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. O objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Para o mesmo autor, as pesquisas descritivas objetivam descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e a observação sistemática.

O delineamento utilizado nesta pesquisa foi estudo de caso múltiplo. Gil (2002) ressalta que a utilização de múltiplos casos apresenta vantagens e desvantagens. Considera-se que proporciona evidências inseridas em diferentes contextos, concorrendo para a elaboração de uma pesquisa de melhor qualidade. Porém, a pesquisa de caso múltiplo requer uma metodologia mais apurada e mais tempo para coleta e análise de dados, pois será preciso reaplicar as mesmas questões em todos os casos.

Os sujeitos foram transgêneros, sem faixa etária determinada. Foram ouvidos três sujeitos, encontrados por acessibilidade, através de indicação de amigos em comum. Convém assinalar que havia a previsão de ouvir quatro sujeitos, porém pela singular condição de vida de alguns, encontrou-se grande resistência e reiteradas negativas de participação. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com 10 questões, que foram gravadas, transcritas e posteriormente descartadas.

Segundo Trivinos (apud LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999), na entrevista semiestruturada, o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco proposto pelo pesquisador, ao mesmo tempo em que permite respostas livres e espontâneas do informante. As questões elaboradas para

a entrevista levaram em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre o fenômeno social.

Os procedimentos éticos foram os seguintes: o projeto foi encaminhado para o comitê de ética em pesquisa da Universidade. Após a aprovação do mesmo os sujeitos foram contatados e depois de devidamente esclarecidos expressaram a concordância em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram analisados através da análise de conteúdo que é definida por Berelson apud Gil (2007) como uma técnica que utiliza uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, e possui o objetivo de interpretar essas mesmas comunicações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os participantes desta pesquisa foram, tal qual como colocado no projeto, pessoas com uma singular condição sexual, denominada como o grupo dos transgêneros, onde habitam travestis e transexuais. Ambos possuem percepções distintas, principalmente por estilos de vida diferentes.

Os casos serão abaixo apresentados bem como as categorias de análise oriundas das diferentes falas dos sujeitos.

Sujeito A, 21 anos, cursando o Ensino Superior, curso de Serviço Social. Mora com o irmão.

Sujeito B, 30 anos, morava sozinha, mas atualmente a mãe veio morar com ela. Cursou até o 2º ano e parou. Trabalha, algumas vezes, fazendo cabelo e maquiagem.

Sujeito C, 19 anos, mora com a mãe, faz prostituição na rua.

As dificuldades encontradas na construção da entrevista desta pesquisa foram a indisponibilidade dos sujeitos para participarem e exporem os seus pensamentos. Supõe-se que seja pelo motivo da dificuldade de obterem confiança, principalmente para os que sobrevivem da prostituição, justamente pelo fato de estarem mais expostos à violência de todas as formas, tanto por partes dos clientes como da sociedade em geral. Acredita-se que isto ocorra por carregarem dois estigmas, a de serem prostitutas e a de serem trans.

Conforme Spagnol (apud SILVA e BARBOZA, 2005), ao fazerem-se visíveis no espaço público às travestis surpreendem, principalmente, os intolerantes,

os vigilantes da moral e da normalidade. Quando elas se expõem provocam uma reação contrária dos mantenedores da ordem. É o preconceito que se deforma “para baixo” na escala dos sentimentos.

Tipos de violência

Para Bourdieu; Smigay (apud SILVA e BARBOZA, 2005) relações assimétricas justificam desigualdades e exclusões e geram polos de opressores e oprimidos, que se manifestam com maior visibilidade nas relações de gênero, no espaço privado, através do fenômeno universal da violência. Neste sentido, percebe-se que o recorrente uso da violência, por travestis e contra estas, aparece quando as mesmas buscam resistir às condições desiguais a que estão submetidas, aos preconceitos e aos descaminhos decorrentes da dialética da exclusão/inclusão social e quando são tratadas com preconceitos calcados em estereótipos e estigmas, como se travestis fossem anomalias, homens desavergonhados, promíscuos e indignos da vida.

É uma consequência da violência a marginalização do termo travesti, pois quando se fala nelas, logo as pessoas pensam em pessoas com doenças mentais, aids, prostitutas, pessoas agressivas, perigosas e criminosas.

Silva e Barboza (2005) afirmam que alguns dos estereótipos que as travestis carregam são de que elas são truqueiras, gileteiras, violentas, perigosas. Ser travesti torna necessário transgredir a norma e sofrer com o peso do estigma, implica em estar socialmente inserido em uma condição de alta vulnerabilidade, pois a sociedade só lhe oferece a possibilidade do não lugar.

Podemos perceber diversos tipos de violência que esse grupo sofre, tanto no âmbito físico como no social, onde a sociedade às mantém a margem, como se fossem anomalias, seres únicos e subalternos. Falamos de violência física, verbal e simbólica. Para Roballo (2014) coloca-las no lugar de ser único, com uma identidade particular e que não segue a ordenação biológica coloca o sujeito trans na situação de particularismo, estigmatizado e subalternizado.

O sofrimento começa pelo desrespeito, na falta de direitos que essas pessoas têm perante a sociedade, onde são impedidas de exercerem sua identidade de gênero. Podemos observar isto nas falas de A, onde diz que violência: *“(...) é não ter direitos na sociedade (...) não ter direito a minha própria identidade de gênero, de ser tratada com respeito (...) ser vista como suja, escória, prostituta, que contrai*

doenças e que vive nas margens da sociedade, (...) é transfobia: aversão, ódio e discriminação contra pessoas transsexuais e travestis (...) para nós, é negada a dignidade a todo momento. Somos julgadas e desrespeitadas o tempo todo por estarmos vivas, por termos uma identidade de gênero diferente da grande massa”(A).

Com o mesmo sentido, para B: *“Violência é não ter o direito igual às outras pessoas, de frequentar lugares, de poder ir aos lugares que eu tenho vontade daí as pessoas ficam achando que tu não pode (...) Acho que violência é tu não poder ser a pessoa que tu nasceu”(B).*

A escola também é uma instituição que propaga a violência contra esse grupo, como vemos na fala de B: *“Na escola eu sofri uma agressão e não foi de aluno, foi de professor (...) o professor chamou eles em um corredor e disse para eles: “Onde já se viu uns guris bonitos perdendo tempo conversando, dando conversa para esse tipo de gente igual a mim (...) a violência que nunca esqueci foi desse professor”(B).*

Como afirma Silva (apud CABRAL, 2013), podemos observar que essa violência é produzida cotidianamente pela sociedade heteronormativa, através de hospitais, igrejas, escolas, clubes, penitenciárias, delegacias de polícia, entre outros. Para a autora, a escola também contribui para a marginalidade social que as travestis viverão quando adultas. Argumenta também, que a escola, enquanto espaço de solidariedade, igualdade, saber e inclusão, é negada aos grupos de travestis, pois como nas palavras da autora: *“a escola produziu dor, desrespeito e colaborou decisivamente para produção de representações sociais negativas, que apenas reforçam a violência e hostilidade que as envolvem” (SILVA apud CABRAL, 2013, p.04).*

Para Silva e Barboza (2005), as pessoas trans são violentadas, desde a ordem simbólica, por não terem as oportunidades de inclusão social e estarem inseridas na marginalidade e violentadas, muitas vezes, no âmbito físico, seja por policiais ou por clientes, seja por grupos homofóbicos. Assim, a elas resta a reação violenta à violência. Essa opção é clara, porque se buscassem a proteção do Estado não a teriam, pois sua condição marginal às faz naturalmente desacreditadas e suspeitas.

Podemos observar também a dificuldade que esse grupo possui para se inserir no mercado de trabalho, onde passam por diversos constrangimentos e

preconceitos por parte de pessoas que não veem para as pessoas trans como pessoas dignas e capazes de contribuir nesse meio. *“A maioria das travestis que se encontra nas ruas, na prostituição, está lá por não ter oportunidade, por causa do preconceito, discriminação (...) É extremamente difícil para uma pessoa trans (travesti, transexual, transgênero) se colocar no mercado de trabalho, mesmo que tenha competência profissional e estudo, pelo grande preconceito, pela maldita transfobia”*(A).

Para quem sobrevive da prostituição, a violência física se faz mais presente, pelo fato de estarem mais expostas. Na maioria dos casos, a violência vem dos clientes, como na fala de C: *“Eu ia puxar a chave pra ele não poder sair e me dar todo o dinheiro, daí eles me batiam e eu batia também, daí eles davam o dinheiro (...)”* Também por parte de pessoas que passam na rua e as agridem, como se não fossem sujeitos dignos e merecedores de respeito, e sim ameaçadores da moral. *“Verbal também, as pessoas passam na rua e ficam debochando, chamando de veadinho”*(C).

Conforme Kulick

A exposição coloca as travestis em posição vulnerável, alvo fácil do assédio de policiais, motoristas, transeuntes, gente que passa em automóveis e ônibus. Na maioria das vezes, a violência vem na forma de agressão verbal, mas não são raros os casos em que gangues de jovens espancam travestis. Também é comum ver gente que passa de carro lançar pedras e garrafas sobre elas. Algumas vezes chegam a disparar armas de fogo contra travestis em plena rua. Normalmente as pessoas que cometem esses crimes não são identificadas nem detidas. E quando o são, recebem penas leves da Justiça. (2008 p. 47)

Relacionamentos e violência

Com as entrevistas notou-se que a violência é praticada, principalmente, pela sociedade em geral, que não reconhece que as pessoas trans são merecedoras de um lugar, assim como todos. No discurso a seguir, com relação a quem pratica violência contra elas, podemos perceber isso: *“A sociedade em peso. Pessoas cisgêneras pensam que se nós tivermos direitos básicos e respeito, elas perderam os direitos delas”*(A).

No caso das que fazem prostituição, foi observado que os maiores praticantes de violência são os próprios clientes, que abusam de sua situação de vulnerabilidade. Como no discurso a seguir, ainda sobre o questionamento com referência a quem pratica violência contra elas, C: *“Os clientes, namorados não”*(C).

Segundo Carrieri; Souza & Aguiar (2014), as travestis não são consideradas humanas por grande parte de seus clientes, assim, estes clientes as tratam como objetos e não veem problema algum em agredi-las fisicamente. São apenas brinquedos e objetos sexuais nas mãos dos mesmos.

No discurso de B, percebemos a sua percepção frente ao que a sociedade pensa sobre a sua identidade: “(...) *as pessoas achavam que é porque a gente quer, tem pessoas que acham que é sem-vergonhice (...)*”(B).

Ainda na mesma entrevista, para o mesmo sujeito, a família é uma instituição totalmente envolvida no processo de exclusão e produção de violência. “*Eu vejo que a maior violência que sofrem muitas vezes nem é na rua, é dentro de casa, dos pais, da mãe que querem que a pessoa seja o que não vai conseguir ser, dentro de casa acho que sofrem mais violência do que na rua (...)* Eu fico triste quando vão e falam para as pessoas da minha família coisas que eu não gosto, fico mais triste”(B).

Assim, percebem-se algumas pessoas trans mergulhadas em sofrimentos oriundos de suas relações.

Causas da violência

Em diferentes autores, encontramos várias causas para a violência praticada contra esse grupo. Segundo Kulick (2008), a violência está presente na vida da maioria dos brasileiros, mas em nenhum outro lugar a violência é tão presente, quanto no cotidiano das travestis. Alguns homens mostram-se publicamente atraídos por travestis, mas outros são hostis, as travestis precisam estar preparadas para enfrentar comentários maldosos, que partem tanto de homens quanto de mulheres e tentativas de agressão física. Elas necessitam reafirmar a todo o momento seu direito de ocupar o espaço público, sabem que a qualquer momento podem se tornar alvo de agressão verbal e/ou violência física pelas pessoas que se sentem ofendidas, simplesmente pelo fato da presença das travestis em um determinado espaço.

No caso das entrevistas, observamos distintas causas para a violência. Para o sujeito C, o simples fato de ser travesti se faz motivo para tal, como se percebe em sua fala: “*porque eu sou travesti, daí eles pegam e se aproveitam*”(C). De acordo com, Carrara & Vianna, (2006), a prostituição deixa as travestis em uma posição muito mais vulnerável, que as expõem publicamente à homofobia. Há casos em que

a identidade de gênero da vítima ou o fato de "ser travesti", parece ser o fator determinante, que assume as feições de crime de ódio. “ (...) *daí tipo tu fala que é 30 reais e eles falam que é 20, eles querem por 20 daí tu fala que não faz por 20 e eles querem te bater daí*”(C).

Ainda foi observado que a sociedade em geral incomoda-se com tudo o que sai da “normalidade” e a violência, seja na forma simbólica ou explícita, vem como uma maneira de punir os que desviam do que é preconizado como sexualidade normal.

Como podemos ver na fala de A: “*Para nós, é negada a dignidade a todo o momento. Somos julgadas e desrespeitadas o tempo todo por estarmos vivas, por termos uma identidade de gênero diferente da grande massa. (...) Não somos vistas como realmente somos*”(A).

Vale salientar que transexuais ou travestis passam pelo mesmo percurso, o fato de existir órgão genital ou não, nada altera com relação a todo o percurso. Esta questão é complexa, faz referência a uma tentativa de “padronizar” as pessoas para que se encaixem em determinados padrões de identidade. Não encaixar-se nesse modelo faz com que as travestis sejam mais visíveis e expostas à violência de todos os tipos, inclusive no âmbito institucional. Segundo A “*é extremamente difícil para uma pessoa trans (travesti, transexual, transgênero) se colocar no mercado de trabalho, mesmo que tenha competência profissional e estudo, pelo grande preconceito, pela maldita transfobia*” (A).

Para Carrieri; Souza & Aguiar (2014), o modelo binário de gênero estabelece o padrão de corpo para homens e mulheres, fazendo com que as trans busquem ajustar seus corpos de acordo com esse modelo, pois enxergam esse modelo como natural e como a única possibilidade de construção dos corpos, não visualizando alternativas de que estejam fora desse modelo. Ao buscarem normalizar seus corpos ao modelo binário de gênero, esse modelo acaba sendo reforçado, contribuindo ativamente com a mesma dominação simbólica que os violenta. Ainda para os mesmos autores, exatamente por não buscarem se encaixar na matriz heterossexual binária de gênero, as travestis sofrem violência simbólica, não escapam da violência simbólica, pois por não contribuírem com a matriz heterossexual binária de gênero, os travestis são os que mais sofrem violências.

A violência se faz como uma maneira de pregar a moral, de corrigir aquilo que sai da dita normalidade, também o que é pecado, segundo a sociedade

religiosa, regida por normas e regras de conduta. De acordo com Silva e Barboza (2005), o uso da violência tanto simbólica quanto física, como maneira de controle e, até mesmo, com o objetivo de se garantir a limpeza social passa a ser validada, sob a justificativa de que se deve manter a ordem moral que harmoniza a sociedade. Desta maneira, os grupos dominantes se “(...) utilizam da violência como se fossem meios naturais de resolução de conflitos, seja nas relações entre classes sociais, seja nas relações intersubjetivas” (ADORNO apud SILVA e BARBOZA, 2005, p.40).

Sentimentos mobilizados

Os sentimentos mobilizados vão desde a raiva ao complexo sentimento de impotência frente aos vários tipos de violência que esse grupo sofre, violência física, verbal e simbólica.

No discurso a seguir, denota-se este sentimento de imobilidade: *“Me sinto desrespeitada, uma cidadã sem direitos, sem dignidade, nessa sociedade egoísta e maldosa (...) Continuamos imóveis a essa violência diária”(A).*

Já para C, os sentimentos mobilizados foram: *“vontade de chorar, raiva ao mesmo tempo”(C).*

Segundo Mattos (apud PERES, 2008), em conversas com as travestis, as mesmas reclamam com frequência de depressão, crises de ansiedades, sensações de pânico e outros sintomas, que demonstram a necessidade urgente de serviços públicos de atendimento psicossocial voltados para esse grupo; se para cuidar de suas dores físicas já é difícil, cuidar de suas dores existenciais parece quase impossível, impedindo a efetivação do direito à saúde para todos.

Peres (2008), afirma que no que se refere à saúde mental encontramos evidências de sofrimentos psíquicos, que podem estar associados, inicialmente, com as dificuldades em poder se transformar e ser aceitas pelas pessoas ao seu redor, na maioria das vezes, seus familiares e seus amigos mais próximos. Os sintomas psicológicos mais frequentes que temos observado são crises de ansiedades, angústias e quadros graves de depressão, que muitas vezes levam as pessoas trans a recorrer ao uso abusivo do álcool e das drogas, aumentando os níveis de vulnerabilidades que as expõe aos riscos de estigmatização, violências, exclusão e morte, assim como, de exposição à infecção, às hepatites, às DSTs, ao HIV e à AIDS. A síndrome do pânico pode ser gerada como consequência da

estigmatização, o que se acredita estar intimamente ligado às condições de suas existências, que lhes roubam o direito de acreditar no mundo, nas pessoas e em si mesmas, considerando que a baixa autoestima e sentimentos de inferioridades se mostram intensos em seus cotidianos.

Ainda para o mesmo autor, por outro lado, essa posição de sujeitas frente ao mundo incomoda algumas pessoas que se sentem no direito de discriminar, estigmatizar, violentar e excluir, impedindo que as travestis tenham o direito fundamental à singularidade, impedindo às mesmas o direito de ser e de viver como qualquer cidadã comum.

Miskolci (2009, p. 162) afirma que há “um nó que evidencia um processo normalizador que cria seres considerados menos humanos, em suma, abjetos”. Essas pessoas acabam sentindo-se objetos em meio a uma tentativa de padronização.

Estratégias de enfrentamento

Sobre as estratégias de enfrentamento, em um dos casos, percebe-se que a violência gera violência, elas acabam agredindo para se proteger: *“Quando eu vejo que vão pular em mim eu já pulo em cima, sei lá, quando eu sei que faz essas coisas eu nem vou (...) vai acabar muitos caras apanhando ainda, mais do que já apanham.”*(C).

Já em outro contexto, percebe-se o sentimento de imobilidade frente ao enfrentamento da violência em geral: *“Eu, sozinha, não posso fazer nada”*(A). Isto demonstra a falta de apoio e acolhimento da sociedade.

Também se pode observar que em alguns casos, acabam ficando resignadas, aceitando o preconceito como algo que estão fadadas. *“Eu quando me chamam de gay, travesti, eu não guardo para mim porque na minha cabeça eu sou mulher e não estão falando para mim (...) eu posso até ir na praça, mas eu não me agarro na frente das famílias (...) não costumo fazer esse tipo de coisas, não tenho vontade e acho que assim as pessoas se revoltam mais e acontece mais violência”*(B).

Percebemos através da dificuldade encontrada para ter contato com as trans que mais sofrem violência explícita, que estas, já tão machucadas pelo desrespeito e marginalização da sociedade para com elas, em busca de amenizar e diminuir os

riscos da violência, muitas vezes fecham-se na tentativa de buscar solidariedade entre os iguais e amenizar os riscos de violência. Segundo Spagnol (apud SILVA e BARBOZA, 2005) a união dentro de determinados limites urbanos serve como uma espécie de “prisão exemplar”, onde seus ocupantes vivem e servem de exemplos, obrigados a se manter dentro de limites impostos pela maioria. Caso ultrapassem esses limites, a violência se faz presente para lembrá-los do seu “devido lugar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar a percepção que os transgêneros têm sobre a violência que sofrem no seu cotidiano. Evidenciou-se a clareza com que os mesmos expuseram suas percepções sobre a violência, em suas múltiplas facetas, as causas dessa violência, as marcas psíquicas que são produzidas pela ação violenta e o modo como lidam com a violência. Desse modo, os objetivos foram plenamente alcançados.

Porém, acredita-se que toda pesquisa deva, além de responder os seus objetivos, abrir um espaço para que surjam novas inquietações, estimulando assim novas discussões, a fim de aprofundar temas tão importantes na sociedade contemporânea, temas que atingem e afetam a vida de muitas pessoas.

Com relação aos tipos de violência, pode-se evidenciar que a mais presente, na maioria dos casos, é a violência simbólica, que aparece em forma de desrespeito e falta de direitos a esse grupo. Já para as travestis que sobrevivem da prostituição, foi constatado que a maior parte da violência vem dos próprios clientes, que se aproveitam de sua condição de vulnerabilidade e exposição.

No que diz respeito a relacionamentos e violência, foi reparado que quem pratica a maior parte dessa violência é a sociedade em geral, que carrega um conjunto de estereótipos negativos para com o grupo de pessoas trans. Ainda foi denotada a dificuldade de algumas famílias em lidarem com a situação de um membro trans.

Sobre as causas da violência, foi concebido que há pessoas que se sentem ofendidas simplesmente pela presença de transgêneros em um determinado lugar. Fazendo assim, o “ser transgênero” a principal causa de violência, pois são vistos como anormais, indignos e, frequentemente, associados a crimes e doenças, principalmente no caso onde há prostituição, que deixa as pessoas trans em uma

posição muito mais vulnerável. A sociedade é regida por normas e regras de conduta e é intolerante ao que considera diferente, assim, muitas pessoas sentem-se no direito de discriminar e violentar esse grupo de diversas formas.

Já no que se refere aos sentimentos mobilizados frente aos diversos tipos de violência sofrida por eles, denotou-se que os sentimentos passam pelo sentimento de impotência até a raiva e a tristeza profunda. Sentem-se imóveis a violência que sofrem diariamente. No que tange às estratégias de enfrentamento, percebeu-se, através das entrevistas, que no caso das trans que sofrem violência física por parte dos clientes, a violência gera violência, pois acabam agredindo para se defender e assegurar o seu direito de receber todo o dinheiro, que como foi relatado, muitas vezes os clientes não querem pagar. Por fim, muitas possuem o sentimento cruel de imobilidade, ficam sem ter o que fazer e muitas vezes acabam ficando resignadas, aceitando como se estivessem fadadas a sofrerem preconceitos e violências de formas distintas.

Assim, faz-se necessário um trabalho árduo e contínuo para que a sociedade caminhe em direção de novas políticas de inclusão e proteção para esses grupos, também é de suma necessidade o foco na educação, para que as pessoas compreendam e deixem de ser intolerantes ao que difere e foge do padrão ditado pela maioria. Deve-se focar numa base, a educação nas escolas, para que se modifique a cultura preconceituosa em que se vive, e que aos poucos, a sociedade torne-se menos intolerante com a diferença.

O desafio é romper com essa cultura da heteronormatividade, para que seja modificada e que finalmente a sociedade passe a perceber que todos são sujeitos diversos e portadores do direito de ser e pertencer ao mundo. Esse é o desafio.

REFERÊNCIAS

CABRAL, V. Pelos olhos dela: As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de ponta grossa – Paraná – Brasil. **Fazendo gênero 10: Desafios atuais dos feminismos**. 16 a 20 de setembro de 2013, Florianópolis.

CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B., “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 16(2):233-249, 2006

CARRIERI A.P. ; SOUZA E.M.; AGUIAR A.R.C. **Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travestis e Transexuais.** Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 18 jun. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro/RJ: Ed. Fiocruz, 2008.

LIMA; ALMEIDA; LIMA, Relato de experiência: **A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem.** Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf?sequence=1>
Acesso em: 01 nov. 2013

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias.** Porto Alegre, 2009. 11(21), 150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

PERES, W.S. Travestis: corpo, cuidado de si e cidadania. Travestis; corporalidades; cuidado de si ST 61 – Sexualidades, Corporalidade e Transgêneros: narrativas fora da ordem. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder.** (UNESP/Assis) Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

ROBALLO, L. **Vozes trans: um estudo etnográfico sobre a construção da identidade de gênero das pessoas trans.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Porto Alegre, 2014.

SILVA A. S; BARBOZA R.. Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis. **Athenea Digital.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Instituto de Saúde. Brasil, ISSN: 1578-8946, - num. 8: 27